

**Estudos Culturais e Economia Política da Comunicação em debate: reinterpretações históricas e epistemológicas por James Curran e David Morley**

**Estudios Culturales y Economía Política de la Comunicación en debate: reinterpretaciones históricas y epistemológicas por James Curran y David Morley**

**Cultural Studies and Political Economy of Communication in debate: historical and epistemological reinterpretations by James Curran and David Morley**

**Guilherme Libardi**

Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRS), Brasil.

Contato: [glibardi@gmail.com](mailto:glibardi@gmail.com)

Artigo submetido em 01/04/2019  
Aprovado em 22/05/2019

## Resumo

Este artigo tem como objetivo apresentar o debate entre James Curran e David Morley sobre o suposto caráter “revisonista” dos Estudos de Recepção do início da década de 1990. O contexto desta discussão é localizado no contexto britânico e norte-americano da Economia Política e da versão “não-radical” dos Estudos Culturais. O confronto entre estas duas perspectivas suscita conflitos, mas também pontos em comum, como o interesse político pela tematização da relação entre poder e micro processos nas práticas das audiências e a crítica ao caráter excessivamente celebratório de alguns estudos em recepção.

Palavras-chave: Economia Política da Comunicação. Estudos Culturais. Estudos de Recepção.

## Resumen

Este artículo tiene como objetivo presentar el debate entre James Curran y David Morley sobre el supuesto carácter “revisonista” de los Estudios de Recepción del inicio de la década de 1990. Esta discusión se encuentra en el contexto británico y norteamericano de la Economía Política y la versión “no radical” de los Estudios Culturales. La confrontación entre estas dos perspectivas suscita conflictos, pero también puntos en común, como el interés político por la tematización de la relación entre poder y micro procesos en las prácticas de las audiencias y la crítica al carácter excesivamente celebratorio de algunos estudios en recepción.

Palabras-clave: Economía Política de la Comunicación. Estudios Culturales. Estudios de Recepción.

## Abstract

This paper's objective is to present the debate between James Curran and David Morley about the supposed “revisionist” aspect of the Reception Studies from the beginning of the 1990s. The context of this discussion is framed at the British and north-American context of the Political Economy of Communication and “non-radical” version of Cultural Studies. The confrontation between these two perspectives raise conflicts, but also common points, such as the political interest by the relation between power and micro process at the audience's practices; and the critique to the overly celebratory characteristic of some reception studies.

Keywords: Political Economy of Communication. Cultural Studies. Reception Studies.

1. David Morley foi um dos membros do *Centre for Contemporary Cultural Studies* em Birmingham, tendo trabalhado junto a Stuart Hall e articulando empiricamente o modelo *Encoding/Decoding*.

2. Consultei a versão da obra traduzida em espanhol, publicada pela primeira vez em 1998 na Espanha pela editora Paidós com o título *Estudios culturales y comunicación: análisis, producción y consumo cultural de las políticas de identidad y el posmodernismo*.

## Introdução

Este artigo tem como objetivo apresentar a discussão entre dois autores britânicos de grande relevância para o campo dos estudos de comunicação e cultura: James Curran e David Morley. Ambos são colegas na Goldsmiths University of London, lecionando no departamento de Mídia, Comunicação e Estudos Culturais. Os interesses de pesquisa de Curran vinculam-se a problemas circunscritos pela Economia Política da Comunicação. Suas publicações recentes analisam as temáticas sobre mídia, poder, democracia e a esquerda britânica. A pesquisa de Morley, orientada pela perspectiva dos Estudos Culturais<sup>1</sup>, centra-se nos estudos de audiência e as relações entre geografia, cultura, globalização e mídia.

Embora partilhem de tradições teóricas diferentes, os dois autores já editaram uma ampla gama de obras em parceria, colocando suas perspectivas em embate, articulação e/ou complementariedade. Entre estas obras, está *Cultural studies and communications*, publicada pela primeira vez em 1995 pela Editora Arnold, na Inglaterra. Organizado por James Curran, David Morley e Valerie Walkerdine, o livro contempla 16 textos de diferentes autorias, organizados em três partes: teoria cultural; produção cultural; e consumo e análise cultural. Os quatro primeiros textos desta última incluem um (acalorado) debate entre Curran e Morley.

Portanto, a intenção deste artigo é apresentar esta discussão<sup>2</sup>, revelando os tensionamentos epistemológicos, teóricos e metodológicos entre estes dois autores, contribuindo para uma reflexão epistêmica da Economia Política e dos Estudos Culturais. Antes de iniciar a devida apresentação, cabe resumir os alicerces teóricos que sustentam cada uma destas perspectivas, começando pela da Economia Política e sua relação com a comunicação.

## Notas sobre Economia Política da Comunicação e Estudos Culturais

O sociólogo Vicente Mosco (1999), um dos nomes mais proeminentes da área da Economia Política, define que esta abordagem se preocupa com as determinações do poder sobre as práticas de produção, distribuição e consumo de recursos. O autor explica que esta perspectiva está interessada em analisar, principalmente, a constituição das relações sociais que se desenvolvem no contexto do sistema capitalista. Logo, como pilar desta perspectiva, está o capitalismo enquanto um sistema estruturante da sociedade. Portanto, analisa os processos sociais desde as relações econômicas, “começando pela classe social e pelo trabalho, e coloca a comunidade e a vida pública face ao mercado e a racionalidade que efetivamente reproduz o poder das classes” (MOSCO, 1999, p. 116). O autor estende esta tradição marxista clássica para pensar a comunicação e a cultura, uma vez que o hiperdesenvolvimento das indústrias culturais a partir da década de 1970 é regido por uma lógica capitalista particular. Para Murdock e Golding (1997),



3. No original: “[...] any adequate analysis of the distribution of power and of the process of legitimation must necessarily include an analysis of the mass media”.

4. Na esteira da consolidação dos Estudos Culturais britânicos, a perspectiva internacionalizou-se, adquirindo sua versão em diversos cantos do globo (MATTELART, 2004). Salvaguardando as especificidades de cada contexto geográfico, há uma pungente discussão acerca das importações teóricas e metodológicas que ocorreram nos Estados Unidos. Em entrevista à Grossberg, Stuart Hall desconfia da tendência codificante da versão estadunidense dos ECs, principalmente no que concerne às operações metodológicas de análise textual. Em sua versão britânica, a preocupação seria demonstrar porque e como chegou-se a determinada interpretação do “significado” do texto sem uma preocupação com o rigor do método formal semiótico; enquanto nos Estados Unidos a semiótica é tida como um método completo. “Na América, assumir a semiótica parecia implicar em assumir uma bagagem ideológica inteira do estruturalismo” (GROSSBERG, 1986, p. 59, tradução minha). Outra diferenciação que se faz entre as versões britânicas e norte-americanas dos ECs é a descentralização do interesse pelo poder. Kellner (2001), Escosteguy (2004) e Repoll (2010) alegam que nessa

neste cenário, a preocupação da tradicional Economia Política em analisar a distribuição do poder deve se debruçar na produção e consumo de bens culturais simbólicos que são produzidos nas rotinas de produção dos veículos de mídia: “[...] qualquer análise adequada da distribuição de poder e do processo de legitimação deve necessariamente incluir uma análise da mídia de massa” (1997, p. 205, tradução minha)<sup>3</sup>. Portanto, a Economia Política da Comunicação (EPC) se desenvolve partindo da premissa de que as indústrias culturais midiáticas funcionam segundo um *modus operandi* industrial de produção, com suas próprias estratégias comerciais de distribuição. Em sua origem, filiava-se às ideias marxistas de base e superestrutura, bem como ao pensamento de Althusser que percebe a mídia como um aparato ideológico do Estado. Alguns pesquisadores procuram superar esta noção, como o pesquisador brasileiro César Bolaño (2008) que considera esta uma abordagem “setentista” ultrapassada. Para o autor, “[o] problema de que trata a EPC é o da extensão da lógica capitalista para o terreno da Comunicação e da Cultura” (2008, p. 11). Este é um ponto de vista adotado, também, pelos Estudos Culturais.

Os Estudos Culturais (EC) são um projeto político e intelectual gerado em meio à efervescência de pensamento da esquerda britânica<sup>4</sup> durante o fim da década de 1950. Considera a experiência do vivido como *locus* de análise das relações entre micro social e estrutura. Institucionalmente, os ECs emergem das inquietações entre teóricos marxistas vinculados ao *Centre for Contemporary Cultural Studies* da Universidade de Birmingham que, desde uma abordagem interdisciplinar por natureza, instala uma outra concepção de cultura, contrapondo-se à visão considerada elitista dos Estudos Literários. Passa-se a considerar cultura toda a atividade produtiva, inclusive – e aí que reside um dos maiores “impactos” para a época –, os produtos fabricados pelas indústrias culturais, como revistas de moda, música rock e programas de televisão (MATTELART, 2004). As formas de investigação do poder em meio a estes textos culturais contemplaram os estruturalistas, dedicados à análise textual; e, também, os pesquisadores interessados nos métodos antropológicos que, por sua vez, contribuíram efetivamente para o desenvolvimento dos Estudos de Audiência (JACKS, CAPARELLI, 2006).

Os Estudos de Recepção integram o conjunto de avanços dos Estudos Culturais interessado no âmbito da audiência nos anos 1980. O modelo de Stuart Hall *Encoding/Decoding* é um marco para a nova área da recepção (MATTELART, 2004). Em linhas gerais, os Estudos Culturais – guarda-chuva epistemológico para os Estudos de Recepção –, ao considerar a mídia como um elemento constitutivo do fluxo das práticas cotidianas dos sujeitos, interessam-se pelas “relações entre textos, grupos sociais e contextos ou ainda, em termos mais genéricos, entre práticas simbólicas e estruturas de poder” (JACKS, ESCOSTEGUY, 2005, p. 39). Os Estudos de Recepção servem como um braço metodológico para os ECs através do emprego de métodos etnográficos de pesquisa junto à audiência. Em teoria, o objetivo é o de pro-

“importação” o compromisso da produção intelectual em nome de uma mobilização política foi deixado de lado. O estadunidense Kellner (2010) defende a expressão “estudos da cultura da mídia” a fim de resgatar a complexidade entre texto, públicos, indústrias e estrutura social.

5. De forma muito resumida, este paradigma sustenta-se pela crise dos metadiscursos, ou seja, pela colocação das “grandes verdades” que serviam como fundamento para as ciências, em inquérito (LYOTARD, 1979).

mover uma análise articulada entre as práticas interpretativas dos sujeitos e a estrutura social – contemplando, assim, a problemática do poder.

Mas no que exatamente estas duas abordagens – A Economia Política da Comunicação e os Estudos Culturais –, se diferenciam? Existem críticas que reduzem, por exemplo, os Estudos Culturais a um culturalismo desmoderado que vê o sujeito como um ser impenetrável às codificações dominantes da mídia. Do lado oposto, há quem considere a Economia Política da Comunicação uma perspectiva que reduz tudo e todos à estrutura econômica, ignorando por completo a possibilidade de qualquer tipo de resistência na dinâmica cultural do vivido, bem como as dinâmicas de poder que se dão articuladas ao gênero, por exemplo. Muito já foi debatido sobre as diferenças, embates e complementariedades entre ambas as perspectivas. O artigo *Cultural studies vs. political economy: Is anybody else bored with this debate?*, de Lawrence Grossberg (1995) é um exemplo disto.

As alternativas familiares – reconciliação ou divórcio – implicam que Estudos Culturais e Economia Política foram, um dia, “casados” e, tendo se separado recentemente, devem decidir o que fazer. Mas os Estudos Culturais e a Economia Política nunca foram tão íntimos; afinal, intimidade é, em si própria, uma determinação social poderosa. Eles eram mais como primos que se toleravam (GROSSBERG, 1995, p. 72).

Jacks e Caparelli (2006) consideram que ambas as perspectivas, embora tenham um fio condutor de pensamento em comum – a análise social e sua relação com o poder –, há uma variada sorte de conflitos epistemológicos e estratégicos entre si. A discussão entre Curran e Morley serve como um panorama para situar estas disputas no contexto da última década do século XX. Vale mencionar que a condição cultural e intelectual deste tempo é o (controverso) paradigma do pós-modernismo<sup>5</sup>.

A querela entre os autores se dá neste contexto, somado à efervescência dos debates sobre consumo e recepção midiática entre 1980 e início dos anos 1990 na Inglaterra e Estados Unidos no campo dos estudos de comunicação. O pontapé que deu origem ao debate foi o artigo publicado por James Curran na *European Journal of Communication* em 1990, intitulado *The new revisionism in mass communication research: a reappraisal*. Em 1992, David Morley publicou uma resposta a Curran no texto *Populism, revisionism and the “new” audience research*, na revista *Poetics*. Em 1996, na já citada obra *Cultural studies and communication* editada por Curran, Morley e Walkerdine, Curran e Morley respondem novamente um ao outro em um “debate midiático”. Primeiramente, apresento o debate entre os dois autores a partir dos dois primeiros textos (1990 e 1992) para, na outra seção, apresentar os argumentos do segundo conjunto de textos. Cabe destacar que a versão apresentada a seguir possui um caráter de resenha. Por isso, a finalidade foi expor um panorama geral dos principais pressupostos de cada autor, sem nenhum compromisso de eleger um “vencedor” desse debate.

6. O autor inscreve a “radicalidade” às perspectivas dedicadas ao enfrentamento da questão do poder via correntes marxistas clássicas.

### **Da radicalidade ao afrouxamento da questão**

Em seu texto inicial, Curran defende a tese de que os Estudos de Recepção praticados pelos Estudos Culturais são, na verdade, um revisionismo de antigas tradições teóricas dos estudos de comunicação filiadas principalmente à teoria dos usos e gratificações. Para contextualizar e comprovar o seu argumento, Curran recorre a um resgate histórico de alguns momentos-chaves dos estudos em comunicação.

O autor parte da retomada de um momento em que a EPC e os ECs, apesar de certas divergências, compartilhariam de alguns princípios. É um período em que a crença no texto-rei transparente era colocada em dúvida, e o papel do receptor ganhava centralidade mediante a sua possibilidade de agência. Em meio à superação da ideia de que a mídia estaria interessada em promover uma falsa consciência somado às dúvidas sobre as relações subjetivas entre mídia e receptor, havia disputas internas centradas no papel subalterno da mídia em relação aos interesses dominantes. Desta disputa, emergem dois enfoques radicais<sup>6</sup>: a Economia Política, “que tendía a enfatizar la centralidad de la propiedad económica, las influencias indirectas ejercidas por el Estado y las estructuras y la lógica del mercado” (CURRAN, 1998, p. 387, tradução minha)<sup>6</sup>. O outro enfoque seriam os Estudos Culturais, caracterizado pelo autor como “[...] alternativo, radical e culturalista” (1998, p. 387, tradução minha)<sup>7</sup>. Esta perspectiva considerava que os jornalistas incorporariam subjetivamente os valores da cultura dominante, o que explicaria a subordinação dos meios à classe dirigente. Curran salienta que, apesar das diferenças em termos de como o problema se configurava na instância social, duas ideias possibilitavam um diálogo entre a EPC e os ECs: a relação íntima entre interesses econômicos e representações ideológicas, bem como a crença na premissa de que os meios serviam a interesses dominantes ao invés das demandas da sociedade civil.

O momento de cisão entre as duas abordagens viria em 1980 a partir do desencanto em relação ao marxismo radical e da consequente relativização da centralidade da classe por parte dos Estudos Culturais. Curran considera que este movimento se deu sobretudo a partir da influência de Michel Foucault, inaugurando o que John Fiske denominou como uma “democracia semiótica”. Este conceito representa a ideia de que grupos e subculturas “construyen sus propios significados dentro de una economía cultural autónoma, abraza con entusiasmo los temas principales del pluralismo soberano de los consumidores” (1998, p. 389). Curran ainda critica as leituras equívocas de Althusser, acusando que os autores dos EC o haviam colocado na caixa da determinação econômica reducionista, o que não seria correto.

Este conjunto de críticas aos Estudos Culturais não-radicais desemboca, finalmente, no argumento principal de Curran: os Estudos de Recepção seriam um movimento revisionista que, ao enaltecer o poder de agência do receptor, teriam “redescoberto a roda”. O autor resgata algumas considera-



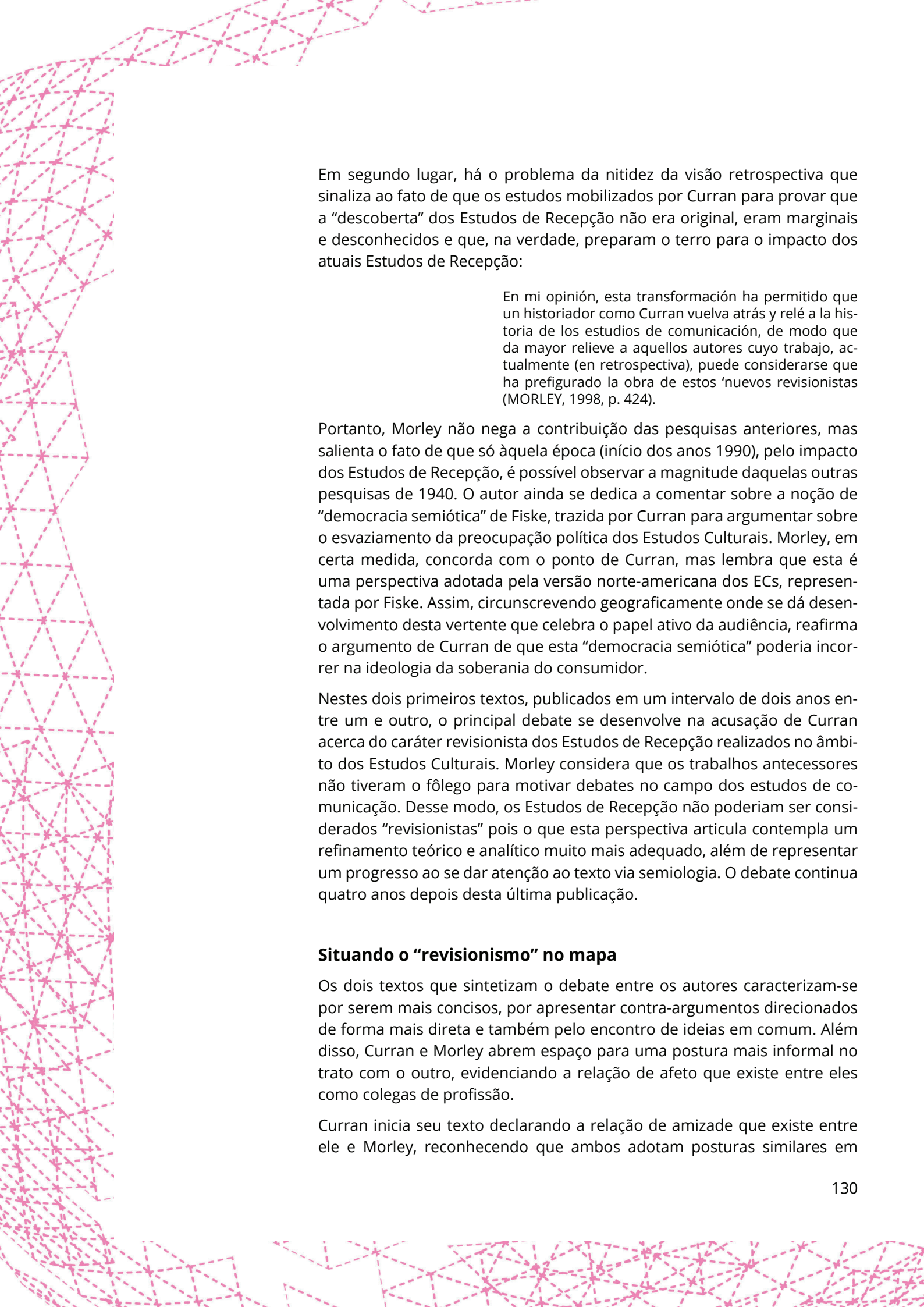
7. Entre eles: 1) HYMAN, H.; SHEATSLEY, P. Some reasons why information campaigns fails. In: **Public Opinion Quarterly**, 1947; 2) KENDALL, P.; WOLFF, K. The analysis of deviant case studies in communications research. In: **Communication Research**, 1949; e 3) HASTORF, A.; CANTRIL, H. They say a game: a case study. In: **Journal of Abnormal and Social Psychology**, 1954.

8. Este autor reforça a crítica do abandono do tema político nas pesquisas que se dedicam “ao lado da demanda”, reforça a noção de que os existe um “relativismo autocomplacente” em alguns estudos de audiências.

ções do seu colega de departamento David Morley, citando o seu trabalho seminal *Nationwide* e criticando a alegação de que os Estudos de Recepção seriam uma superação definitiva dos modelos dos efeitos que haviam dominado os Estudos de Audiência até então. Na contracorrente, Curran resgata o papel fundamental dos estudos inaugurados pela Teoria dos Efeitos: “su fuerza principal desde los años cuarenta fue reivindicar la independencia y la autonomía de las audiencias de los medios de comunicación y disipar la extendida noción de que la gente se deja influir fácilmente por los medios” (1998, p. 396). Para embasar o seu argumento – que foi a espinha-dorsal de toda a sua crítica e motivo pelo qual chamava os Estudos de Recepção de “revisonistas” –, Curran se debruça sobre alguns estudos vinculados à Teoria dos Efeitos<sup>7</sup> para comprovar que, desde esta abordagem, o caráter ativo da audiência já vinha sendo colocado nos estudos de comunicação. Curran alega que, além de ignorar essa parte importante da história do campo, os “revisonistas” estavam cegos por esta “redescoberta”, deixando-se levar pela ideia de que não haveria mais discursos dominantes, mas sim uma “democracia semiótica” que, além de supervalorar a atividade da audiência, “exagera la impermeabilidad de las audiencias a la influencia de los medios” (1998, p. 402).

Em 1992, David Morley, representando os Estudos Culturais, contesta grande parte dos argumentos de James Curran. Morley dedica a parte inicial do seu texto reunindo os argumentos principais de Curran: uma suposta negação do poder por parte dos Estudos Culturais, o abandono da vertente política dos estudos em comunicação e o caráter revisionista dos Estudos de Recepção. Em um movimento ousado, o autor complementa estas críticas – que, invariavelmente, dirigem-se a ele próprio – através de outro pesquisador vinculado à abordagem da Economia Política que também se apresenta cético frente à perspectiva dos ECs: John Corner<sup>8</sup>. Diferente deste autor e das críticas de Curran, Morley contextualiza a sua incursão argumentativa a partir de três pontos centrais, já respondendo algumas críticas de Curran: ver os fenômenos a partir da dicotomia entre micro e macro seria equivocado, pois o que interessa é ver a articulação e a negociação entre os polos; a questão do poder continua presente, e é pensada a partir da noção de hegemonia como processo; a perspectiva feminista teve um enorme impacto para deslocar a centralidade da classe para considerar gênero e classe.

Após, debruça-se sobre a principal alegação de Curran: a de que os Estudos Culturais teriam ignorado parte da trajetória dos estudos de comunicação ao não levar em conta as contribuições realizadas pelos estudos da Teoria dos Efeitos. Morley assinala dois problemas neste argumento: o primeiro tem natureza historiográfica e diz respeito à complexidade que se instaura quando reconstruímos e invocamos fragmentos do passado para justificar perspectivas do presente. Na esteira dessa reflexão, conclui que Curran teria mobilizado sua própria versão da história dos Estudos de Audiência.



Em segundo lugar, há o problema da nitidez da visão retrospectiva que sinaliza ao fato de que os estudos mobilizados por Curran para provar que a “descoberta” dos Estudos de Recepção não era original, eram marginais e desconhecidos e que, na verdade, preparam o terreno para o impacto dos atuais Estudos de Recepção:

En mi opinión, esta transformación ha permitido que un historiador como Curran vuelva atrás y relé a la historia de los estudios de comunicación, de modo que da mayor relieve a aquellos autores cuyo trabajo, actualmente (en retrospectiva), puede considerarse que ha prefigurado la obra de estos ‘nuevos revisionistas’ (MORLEY, 1998, p. 424).

Portanto, Morley não nega a contribuição das pesquisas anteriores, mas salienta o fato de que só àquela época (início dos anos 1990), pelo impacto dos Estudos de Recepção, é possível observar a magnitude daquelas outras pesquisas de 1940. O autor ainda se dedica a comentar sobre a noção de “democracia semiótica” de Fiske, trazida por Curran para argumentar sobre o esvaziamento da preocupação política dos Estudos Culturais. Morley, em certa medida, concorda com o ponto de Curran, mas lembra que esta é uma perspectiva adotada pela versão norte-americana dos ECs, representada por Fiske. Assim, circunscrevendo geograficamente onde se dá desenvolvimento desta vertente que celebra o papel ativo da audiência, reafirma o argumento de Curran de que esta “democracia semiótica” poderia incorrer na ideologia da soberania do consumidor.

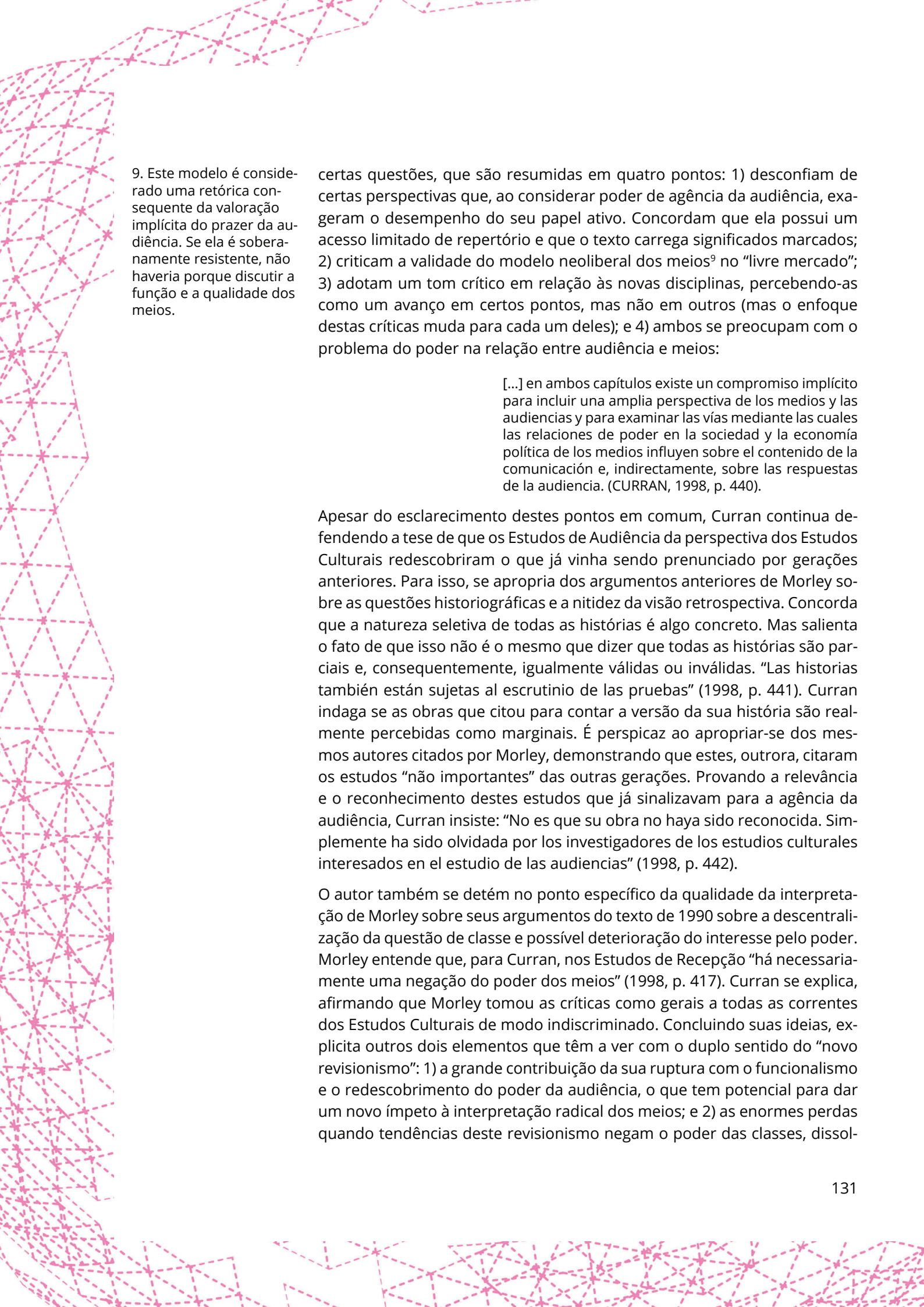
Nestes dois primeiros textos, publicados em um intervalo de dois anos entre um e outro, o principal debate se desenvolve na acusação de Curran acerca do caráter revisionista dos Estudos de Recepção realizados no âmbito dos Estudos Culturais. Morley considera que os trabalhos antecessores não tiveram o fôlego para motivar debates no campo dos estudos de comunicação. Desse modo, os Estudos de Recepção não poderiam ser considerados “revisionistas” pois o que esta perspectiva articula contempla um refinamento teórico e analítico muito mais adequado, além de representar um progresso ao se dar atenção ao texto via semiologia. O debate continua quatro anos depois desta última publicação.

### **Situando o “revisionismo” no mapa**

Os dois textos que sintetizam o debate entre os autores caracterizam-se por serem mais concisos, por apresentar contra-argumentos direcionados de forma mais direta e também pelo encontro de ideias em comum. Além disso, Curran e Morley abrem espaço para uma postura mais informal no trato com o outro, evidenciando a relação de afeto que existe entre eles como colegas de profissão.

Curran inicia seu texto declarando a relação de amizade que existe entre ele e Morley, reconhecendo que ambos adotam posturas similares em






9. Este modelo é considerado uma retórica conseqüente da valoração implícita do prazer da audiência. Se ela é soberanamente resistente, não haveria porque discutir a função e a qualidade dos meios.

certas questões, que são resumidas em quatro pontos: 1) desconfiam de certas perspectivas que, ao considerar poder de agência da audiência, exageram o desempenho do seu papel ativo. Concordam que ela possui um acesso limitado de repertório e que o texto carrega significados marcados; 2) criticam a validade do modelo neoliberal dos meios<sup>9</sup> no “livre mercado”; 3) adotam um tom crítico em relação às novas disciplinas, percebendo-as como um avanço em certos pontos, mas não em outros (mas o enfoque destas críticas muda para cada um deles); e 4) ambos se preocupam com o problema do poder na relação entre audiência e meios:

[...] en ambos capítulos existe un compromiso implícito para incluir una amplia perspectiva de los medios y las audiencias y para examinar las vías mediante las cuales las relaciones de poder en la sociedad y la economía política de los medios influyen sobre el contenido de la comunicación e, indirectamente, sobre las respuestas de la audiencia. (CURRAN, 1998, p. 440).

Apesar do esclarecimento destes pontos em comum, Curran continua defendendo a tese de que os Estudos de Audiência da perspectiva dos Estudos Culturais redescobriram o que já vinha sendo denunciado por gerações anteriores. Para isso, se apropria dos argumentos anteriores de Morley sobre as questões historiográficas e a nitidez da visão retrospectiva. Concorda que a natureza seletiva de todas as histórias é algo concreto. Mas salienta o fato de que isso não é o mesmo que dizer que todas as histórias são parciais e, conseqüentemente, igualmente válidas ou inválidas. “Las historias también están sujetas al escrutinio de las pruebas” (1998, p. 441). Curran indaga se as obras que citou para contar a versão da sua história são realmente percebidas como marginais. É perspicaz ao apropriar-se dos mesmos autores citados por Morley, demonstrando que estes, outrora, citaram os estudos “não importantes” das outras gerações. Provando a relevância e o reconhecimento destes estudos que já sinalizavam para a agência da audiência, Curran insiste: “No es que su obra no haya sido reconocida. Simplemente ha sido olvidada por los investigadores de los estudios culturales interesados en el estudio de las audiencias” (1998, p. 442).

O autor também se detém no ponto específico da qualidade da interpretação de Morley sobre seus argumentos do texto de 1990 sobre a descentralização da questão de classe e possível deterioração do interesse pelo poder. Morley entende que, para Curran, nos Estudos de Recepção “há necessariamente uma negação do poder dos meios” (1998, p. 417). Curran se explica, afirmando que Morley tomou as críticas como gerais a todas as correntes dos Estudos Culturais de modo indiscriminado. Concluindo suas ideias, explicita outros dois elementos que têm a ver com o duplo sentido do “novo revisionismo”: 1) a grande contribuição da sua ruptura com o funcionalismo e o redescobrimto do poder da audiência, o que tem potencial para dar um novo ímpeto à interpretação radical dos meios; e 2) as enormes perdas quando tendências deste revisionismo negam o poder das classes, dissol-



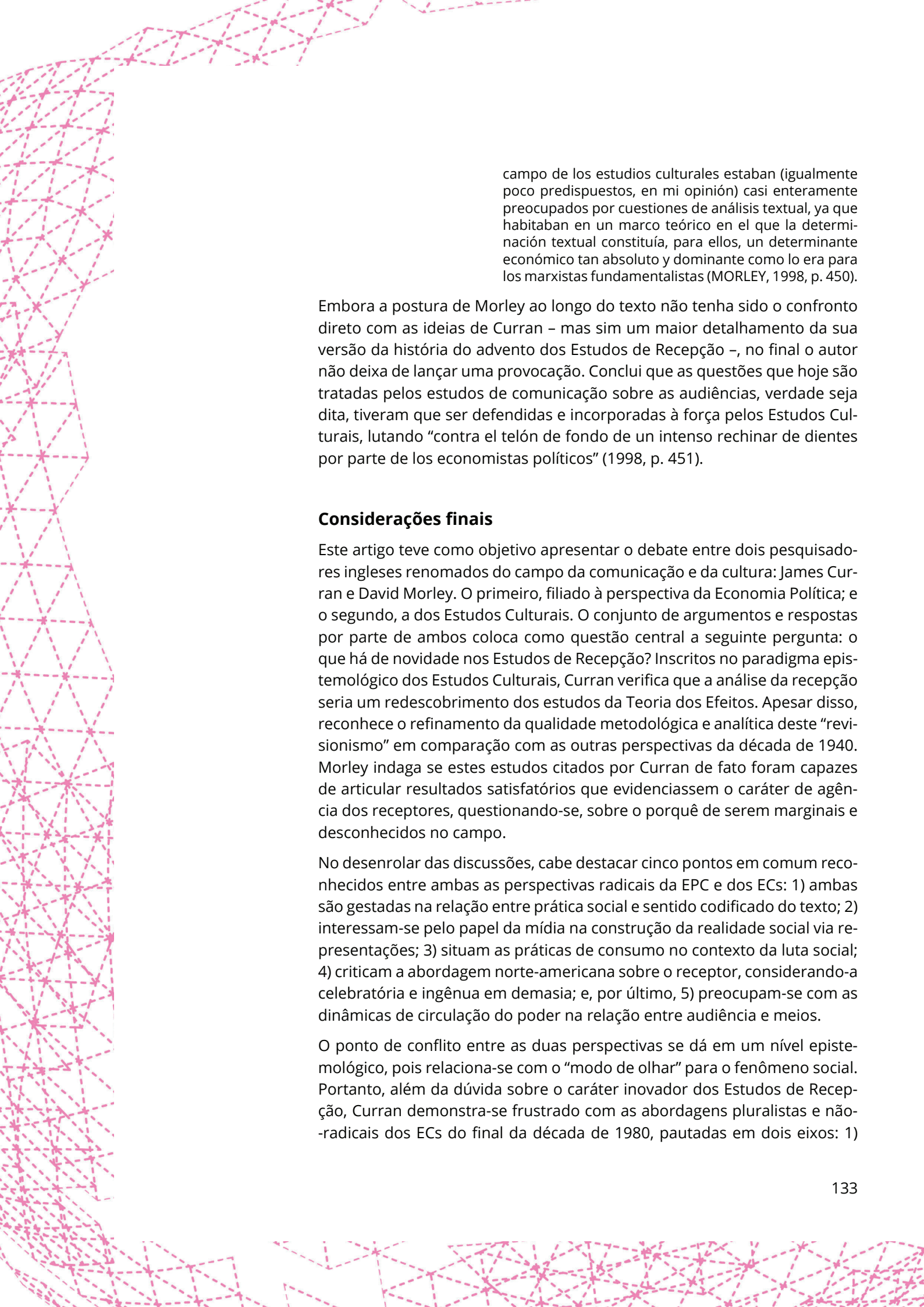
vem representações estruturadas dos meios e exageram extremadamente o poder das audiências separando a cultura dos processos políticos e econômicos.

O último texto deste “debate midiático” é a resposta de Morley às argumentações acima. O autor desdobra seu argumento a partir da observação de que Curran o estaria interpretando de forma equivocada, referenciando uma citação de Derrida que ilustra o problema da exatidão das interpretações. Na sequência, assim como Curran o fez, Morley reafirma a relação de amizade entre os dois, mas não ignora a necessidade de seguir o debate – única forma para fazer evoluir o pensamento. Declara que pretende ser pontual, sem a intenção de entrar em uma discussão polêmica pois, a essa altura do debate, isso envolveria “un cuestionamiento de la interpretación de mi interpretación que hace James de mi interpretación de su interpretación de mi interpretación de la historia de los estudios de comunicación de masas” (MORLEY, 1998, p. 448).

O autor, situando a trajetória de cada um dos pesquisadores no propósito de salientar “quem poderia falar mais sobre o quê”, resume o perfil de cada um deles: Curran está mais inserido no campo dos estudos de comunicação, enquanto Morley encontra-se mais vinculado à corrente da sociologia com enfoque nas audiências. Portanto, percebe-se mais especializado em audiências, enquanto Curran em questões relativas a instituições e propriedade. Essa estratégia parece ser uma forma de ratificar a perspectiva do próprio autor acerca de toda problemática da legitimidade e originalidade sobre os Estudos de Audiência, no sentido que ele estaria mais apto a falar sobre.

Um dos pontos fundamentais apresentado por Morley, provocado pela retomada do conceito fiskiano de “democracia semiótica” por Curran, é a distinção entre os Estudos Culturais Norte-Americanos e Britânicos. Para o autor, a celebração exagerada do poder de agência por parte da audiência foi muito mais celebrada nos EUA porque, na Europa, os estudos da área ainda estavam bastante apoiados na ideia da Economia Política marxista fundamentalista “cuya premisa principal era que lo que importaba eran las estructuras políticas e institucionales de control y propiedad” (1998, p. 449). Morley aproveita o ensejo e afirma que, na história dos estudos de comunicação do Reino Unido, ele observa uma outra versão: “una historia en la que destaca la ausencia de atención a la audiencia” (1998, p. 449). Corroborando esse argumento, o autor resgata experiências vividas ao longo da sua trajetória, contando sobre a dificuldade que era, até os anos 1980, encontrar alguém para falar sobre audiências ou até mesmo comprar um livro sobre o assunto em livrarias.

[...] los estudiosos británicos (como mínimo) de la comunicación estaban casi exclusivamente obsesionados con cuestiones de regulación política y económica, mientras que la mayoría de investigadores en el



campo de los estudios culturales estaban (igualmente poco predispuestos, en mi opinión) casi enteramente preocupados por cuestiones de análisis textual, ya que habitaban en un marco teórico en el que la determinación textual constituía, para ellos, un determinante económico tan absoluto y dominante como lo era para los marxistas fundamentalistas (MORLEY, 1998, p. 450).

Embora a postura de Morley ao longo do texto não tenha sido o confronto direto com as ideias de Curran – mas sim um maior detalhamento da sua versão da história do advento dos Estudos de Recepção –, no final o autor não deixa de lançar uma provocação. Conclui que as questões que hoje são tratadas pelos estudos de comunicação sobre as audiências, verdade seja dita, tiveram que ser defendidas e incorporadas à força pelos Estudos Culturais, lutando “contra el telón de fondo de un intenso rechinar de dientes por parte de los economistas políticos” (1998, p. 451).

### **Considerações finais**

Este artigo teve como objetivo apresentar o debate entre dois pesquisadores ingleses renomados do campo da comunicação e da cultura: James Curran e David Morley. O primeiro, filiado à perspectiva da Economia Política; e o segundo, a dos Estudos Culturais. O conjunto de argumentos e respostas por parte de ambos coloca como questão central a seguinte pergunta: o que há de novidade nos Estudos de Recepção? Inscritos no paradigma epistemológico dos Estudos Culturais, Curran verifica que a análise da recepção seria um redescobrimiento dos estudos da Teoria dos Efeitos. Apesar disso, reconhece o refinamento da qualidade metodológica e analítica deste “revisionismo” em comparação com as outras perspectivas da década de 1940. Morley indaga se estes estudos citados por Curran de fato foram capazes de articular resultados satisfatórios que evidenciassem o caráter de agência dos receptores, questionando-se, sobre o porquê de serem marginais e desconhecidos no campo.

No desenrolar das discussões, cabe destacar cinco pontos em comum reconhecidos entre ambas as perspectivas radicais da EPC e dos ECs: 1) ambas são gestadas na relação entre prática social e sentido codificado do texto; 2) interessam-se pelo papel da mídia na construção da realidade social via representações; 3) situam as práticas de consumo no contexto da luta social; 4) criticam a abordagem norte-americana sobre o receptor, considerando-a celebratória e ingênua em demasia; e, por último, 5) preocupam-se com as dinâmicas de circulação do poder na relação entre audiência e meios.

O ponto de conflito entre as duas perspectivas se dá em um nível epistemológico, pois relaciona-se com o “modo de olhar” para o fenômeno social. Portanto, além da dúvida sobre o caráter inovador dos Estudos de Recepção, Curran demonstra-se frustrado com as abordagens pluralistas e não-radicais dos ECs do final da década de 1980, pautadas em dois eixos: 1)



10. No original: *I would hope instead that we could learn to live together, if not in the same neighborhood, at least in the same region.*

relativização da centralidade da classe para analisar a relação entre micro e macroprocessos; e 2) supervvalorização da autonomia da audiência.

Ao final deste debate, podemos perceber mais pontos em comum do que divergências intransponíveis. Trata-se de duas perspectivas que se especializaram em seus respectivos objetos de estudo, podendo ser resumidos nas seguintes palavras-chaves: macroprocessos, capitalismo, economia e “centralidade da classe” do lado da Economia Política; e micro processos, cotidiano, identidade e “centralidade da cultura”, do lado dos Estudos Culturais. Entre uma e outra abordagem, há uma vasta possibilidade de interlocuções (ou de afastamentos, se o pesquisador ou pesquisadora assim o desejar). Como aponta Grossberg, não há necessidade de ambas as perspectivas se unirem como em um casamento: “ao invés disso, eu esperaria que nós pudéssemos aprender a viver juntos, se não na mesma vizinhança, pelo menos na mesma região” (1995, p. 73, tradução minha)<sup>10</sup>. No entanto, apoiado por Jacks e Caparelli (2006), defendo a proposta do enfrentamento de uma análise articulada entre as duas perspectivas. Não necessariamente um casamento, mas talvez uma relação de amigos que, ao estremecer de algum conflito, resolvem seus problemas amistosamente em uma mesa de bar.

## Referências

BOLAÑO, César Ricardo Siqueira. A centralidade da chamada Economia Política da Comunicação (EPC) na construção do campo acadêmico da Comunicação: uma contribuição crítica. In: Associação Nacional de Pós-Graduação em Comunicação. **Anais do XIV Encontro Anual da Compós**. Niterói, 2005.

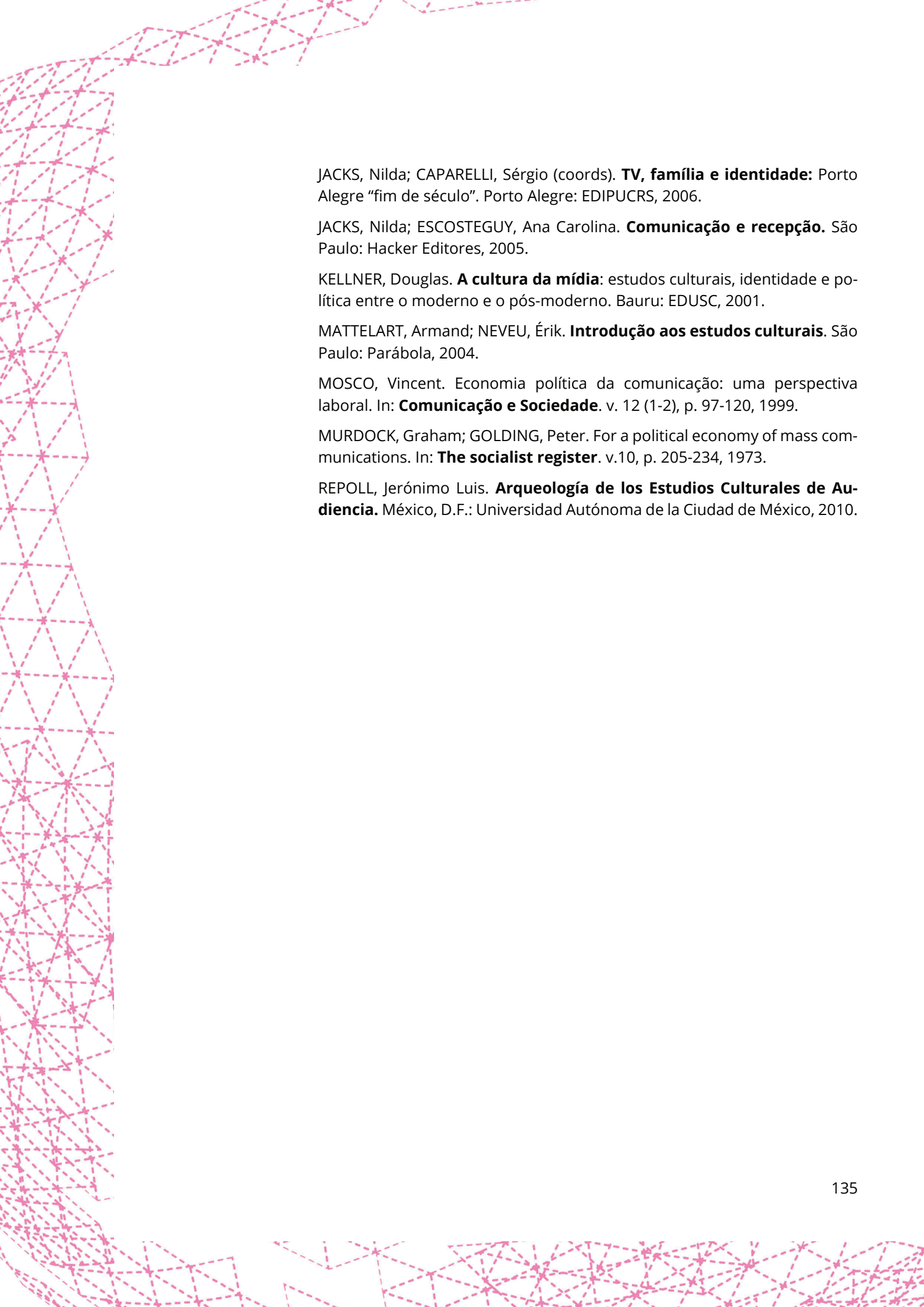
CURRAN, James; MORLEY, David; WALKERDINE, Valeria (compiladores). **Estudios culturales y comunicación**: Análisis, producción y consumo cultural de las políticas de identidad y el posmodernismo. Barcelona: Paidós, 1998.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Introdução aos estudos culturais. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2004.

GROSSBERG, Lawrence. Cultural studies vs. political economy: Is anybody else bored with this debate? In: **Critical studies in mass communication**. v. 12, n. 1, p. 72-81, 1995.

GROSSBERG, Lawrence. On Postmodernism and Articulation: An Interview with Stuart Hall. In: **Journal of Communication Inquiry**. v. 10 n. 2, p. 45-60, 1986.

LYOTARD, Jean-François. **O pós-moderno**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1979.



JACKS, Nilda; CAPARELLI, Sérgio (coords). **TV, família e identidade:** Porto Alegre “fim de século”. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

JACKS, Nilda; ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Comunicação e recepção.** São Paulo: Hacker Editores, 2005.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia:** estudos culturais, identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru: EDUSC, 2001.

MATTELART, Armand; NEVEU, Érik. **Introdução aos estudos culturais.** São Paulo: Parábola, 2004.

MOSCO, Vincent. Economia política da comunicação: uma perspectiva laboral. In: **Comunicação e Sociedade.** v. 12 (1-2), p. 97-120, 1999.

MURDOCK, Graham; GOLDING, Peter. For a political economy of mass communications. In: **The socialist register.** v.10, p. 205-234, 1973.

REPOLL, Jerónimo Luis. **Arqueología de los Estudios Culturales de Audiencia.** México, D.F.: Universidad Autónoma de la Ciudad de México, 2010.